

# Maria e a Trindade nos *Sermoens* de Vieira

## Breve introdução necessária

O mariólogo que o P. António Vieira foi também, e de grandeza soberana, permanece quase desconhecido, passados que são mais de três séculos sobre a sua morte, e depois de ter sido estudado em perspectivas tão diversas.

E isso é tanto mais incompreensível quanto é certo que nos quinze volumes dos *Sermoens*<sup>1</sup> a temática mariana compõe aproximadamente um quarto do todo: nada menos de quarenta e seis, num conjunto de pouco mais de duzentos Sermões.

Muito de notar que só ao tema dos mistérios do Rosário dedica o orador toda uma série de trinta Sermões, consagrando-se os restantes a outras invocações e festividades com que a Virgem Senhora é venerada.

Assim sendo, compreende-se mal, repito, que até hoje tenha sido tão escassamente estudada e valorizada a vertente mariológica, de incomparável relevo adentro da produção oratória vieirense.

Procurar explicações de um tal facto? Certamente que não seria de todo inoportuno, muito embora isso seja impossível aqui. Mormente o fazê-lo com as delongas que um tal assunto estaria a pedir.

Do que em todo o caso não poderemos eximir-nos, e logo ao começo desta pequena dissertação – sob pena de saírem ainda mais

---

<sup>1</sup> Quando referimos o título geral da Obra Oratória, os 15 vols., conservaremos a grafia original da Edição *princeps*: *Sermoens*.

descosidos e como que em falso os raciocínios que iremos fazer –, do que não podemos eximir-nos é de atentar com alguma demora no vero significado que por força há-de ter, e precisamente nos *Sermoens*, essa tamanha relevância conferida ao tema da Virgem Senhora.

Porquê, muito concreta e decisivamente, esse tão grande empenho em desenvolver com esta abundância e profundidade a doutrina dos mistérios do Rosário?

Não sendo embora o assunto maior desta comunicação, traz toda a pertinência, e por isso mesmo bem nos pode ajudar a seguirmos ao depois sem sobressaltos o fio do raciocínio, o alinharmos aqui dois ou três tópicos em ordem ao enquadramento e integral compreensão, no relativo aos propósitos do orador, e principalmente do homem e do jesuíta. Estou a referir-me, é bom de ver, a este que podemos desde já ir qualificando como o Poema de Vieira sobre os mistérios do Rosário.

Notemos antes de mais que o tratamento doutrinal dos mistérios do Rosário – a ocupar na íntegra nada menos que dois volumes, o IX e o X da Edição *princeps* – o redige o padre Vieira não para constituir um qualquer tratado autónomo, mas, em todo o caso, bem intencionadamente para integrar aquela que há-de ser a Obra vieirense por excelência, aquela em que o escritor/orador se retrata mais por inteiro, isto é, os *Sermoens*.

Esta advertência não é ociosa. Se não, vejamos.

## O sazonado fruto de um Voto

Margarida Vieira Mendes, certamente a maior autoridade no estudo de Vieira, sobretudo no que respeita à análise e exegese da estrutura do Sermão e em geral das técnicas de elaboração textual do orador, com a magnífica tese de doutoramento sobre *A oratória barroca de Vieira*<sup>2</sup>, pois M. V. Mendes faculta-nos elementos que, além do rigor de observação e análise, muito nos ajudam neste passo a encurtar caminho em ordem à explicitação condensada daquilo que pretendemos.

---

<sup>2</sup> Margarida Vieira MENDES, *A oratória barroca de Vieira*, Lisboa, 1989.

Os doze livros<sup>3</sup> dos *Sermoens*<sup>4</sup>, diz-nos a grande ensaísta, “constituem uma obra, prometida e finalizada: a obra discursiva de uma vida una e coesa”, com uma “forma acabada e uma orientação significativa ímpares”<sup>5</sup>. E esta afirmação, em tom de síntese, dimana de análises anteriores, onde entre outras coisas nos fazia notar que “o objecto Livro – novo suporte da actividade discursiva do pregador – facultava uma série de lugares paratextuais propícios à *tematização pessoal*, nas duas facetas de *realismo kairológico* e de *individualismo performativo*”<sup>6</sup>.

Como sabemos, era tendência bastante geral entre os autores seiscentistas escreverem a história das sua vida, e Vieira não constitui excepção. Recorda-nos M. V. Mendes que ele deixou um Diário, hoje perdido mas de que os padres André de Barros – o primeiro grande biógrafo do P. António Vieira – e João António Andreoni profusamente se utilizaram.

No entanto a verdadeira e completa História da vida do grande orador e “imperador da língua portuguesa”, e mormente do grande jesuíta, essa lemo-la é nos volumes dos *Sermoens*, nos quinze, mas sobretudo nesses doze que tão empenhadamente elaborou e foi entregando aos prelos no decorrer dos seus últimos vinte anos, até que Deus o chamou nessa hora primeira do dia 18 de Julho de 1697<sup>7</sup>.

Mas neste conjunto de umas duas centenas de Sermões, ao nosso propósito importam maiormente os respeitantes ao tema de Virgem Senhora, que são boas dezenas, departidos por volumes diversos.

No entanto, para o intuito que nos move aqui e agora, nenhum inconveniente em nos ficarmos pelos dois volumes, o IX e o X da

---

<sup>3</sup> Como é sabido, o padre Vieira editou os primeiros 11 vols. e deixou inteiramente pronto para imprensa o vol. 12, saído em 1699. Os restantes 3 foram preparados e editados pelo seu dedicado biógrafo padre André de Barros.

<sup>4</sup> M. Vieira Mendes, a propósito da grafia do título adverte-nos de que este é o único caso em que utiliza a grafia seiscentista, “exactamente para assinalar o título de um ente orgânico, dotado de uma intencionalidade e de uma assinatura de autor bem sinalizada” (o. c., p. 305).

<sup>5</sup> O. c., p. 305.

<sup>6</sup> O. c., p. 304.

<sup>7</sup> Como é fácil de ver, se destacamos a referência aos 12 primeiros vols. é por serem os que o Orador deixou preparados em definitivo, com a última demão. Quanto ao alcance maior desta advertência, veja-se no vol. I o prólogo “Ao Leitor”. Sobre a relação entre os sermões pregados e os Sermões escritos, mais adiante diremos o indispensável.

série na Edição *princeps*, consagrados a “*Maria / Rosa Mística / Excelências, poderes e ma- / ravilhas do seu Rosário / Compendiadas / em trinta sermões ascéticos / e panegíricos sobre os dois Evangelhos desta solenidade / Novo e Antigo / oferecidas / à soberana majestade da mesma / Senhora / pelo Padre António Vieira / da Companhia de Jesus da Província / do Brasil, em cumprimento de um voto feito e repetido em gran- / des perigos da vida, de que por sua imensa benignidade e / poderosíssima intercessão sempre saiu livre.*” Lisboa, 1686.

E este frontespício do volume IX, correspondente à I Parte, repete-se no vol. X ou II Parte (Lisboa, 1688), com pequenas variantes. Pequenas, mas significativas: omite-se a pertença à Província do Brasil e sublinham-se, mediante utilização de letra maiúscula, os vocábulos “Voto”, “Vida”, “Benignidade” e “Intercessão”.

Ora bem. Atentemos um nadinha no conteúdo e significado – explícito ou apenas sugerido – desta que é a apresentação, em dois volumes ou duas Partes, dos trinta Sermões sobre as “excelências, poderes e maravilhas” do Rosário, sob o título abrangente de *Maria Rosa Mística*.

Reparemos antes de mais, como o fez M. V. Mendes, na pequena, ou grande, anomalia que aparece na ordem de publicação dos doze volumes, tal como saiu das mãos de Vieira:

“Primeira Parte” (t. I) .....	1679
“Segunda Parte” (t. II) .....	1682
“Terceira Parte” (t. III) .....	1683
“Quarta Parte” (t. IV) .....	1685
<i>Maria Rosa Mística</i> – “I Parte” (t. IX) ....	1686
<i>Maria Rosa Mística</i> – “II Parte” (t. X) ....	1688
“Quinta Parte” (t. V) .....	1689
“Sexta Parte” (t. VI) .....	1690
“Sétima Parte” (t. VII) .....	1692
<i>Xavier Dormindo e Xavier Acordado</i> – ou	
“Oitava Parte” (t. VIII) .....	1694
“Undécima Parte” (t. XI) .....	1696
“Parte Duodécima” (t. XII) .....	1699

Dizer, com M. V. Mendes, que esta espécie de interpolações na sequência enumerativa das Partes dos *Sermoens* corresponde a uma integração de subconjuntos dentro de um conjunto, é exacto, mas é dizer pouco.

Primeiro, porque os dois subconjuntos, isto é, *Maria Rosa Mística* e *Xavier Dormindo e Xavier Acordado*, não têm o mesmo significado – nem como interpolação nem em si mesmos. Note-se que o volume *Xavier Dormindo e Xavier Acordado* logo de começo apareceu como a “Oitava Parte” (t. VIII); o que não sucede com os dois volumes de *Maria Rosa Mística*<sup>8</sup>.

Por outro lado, é preciso ler na íntegra e tomar a sério as palavras da Dedicatória de *Maria Rosa Mística* – palavras essas que transitam, e se sublinham, da I Parte para II Parte. Ora oiçamos: “À soberana majestade da mesma Senhora, (...) em cumprimento de um Voto, feito e repetido em grandes perigos de Vida, de que por sua imensa Benignidade e poderosíssima Intercessão sempre saiu livre” (II Parte).

Os motivos pelos quais Vieira persiste em “incorporar como “Partes” dos *Sermoens* “os dois livros do Rosário” (a expressão é de M. V. Mendes) são de natureza mais transcendente, que não apenas a “promessa feita ao leitor no prólogo do t. I” e/ou o pressentir “cada vez mais próximo o desfecho da sua vida”, como anota a grande estudiosa.

Duas razões de fundo, e de ponderação diferente: por um lado a urgência – Vieira aproximava-se dos oitenta anos, nessa altura – de desincumbir-se, não “de uma promessa feita ao leitor” mas de um Voto feito “à soberana majestade da mesma Senhora”; por outro lado, o interesse pessoal em incorporar *Maria Rosa Mística* nesta que, pese embora o que diz no “Ao Leitor” do I tomo, no íntimo sabia que havia de ser a sua obra por excelência, aquela que mais por inteiro iria retratar a sua personalidade humana: os *Sermoens*.

Tem importância nada somenos esta questão, e merece que lhe dediquemos uns momentos do nosso, mesmo reduzido, espaço/tempo.

### **Aproximação ao significado pessoal maior de *Maria Rosa Mística***

Dizíamos que as duas razões ou ordens de razões merecem ponderação diversificada e convém, antes de prosseguir, aclarar um nadinha o que se pretende dizer.

---

<sup>8</sup> Cf. M. Vieira MENDES, *o. c.*, p. 306, Nota de rodapé.

Que o padre Vieira sentisse urgência premente em cumprir o Voto “feito e repetido em grandes perigos da Vida” muitos anos atrás, isso é coisa que facilmente se deixa entender. E só por conhecermos bem o que foi a multímoda agitação da sua vida na Europa, antes de se recolher em definitivo ao remanso da Quinta do Tanque em Salvador da Bahia, só por essa via nos podemos explicar o porquê de tamanho atraso em desincumbir-se de uma promessa sagrada com dezenas de anos.

A outra questão, relativa ao empenho em inserir os dois livros de *Maria Rosa Mística*, à maneira de subconjunto, no conjunto dos *Sermoens*, tem bastante mais que se lhe diga. Por que não decidiu Vieira editar estes dois livros sobre os mistérios do Rosário, apesar da forma concionatória, como obra independente? – Para lá da razão que assinalámos, isto é, a íntima persuasão em que estava de que os *Sermoens* é que seriam a sua obra perfeita, a catedral, no meio das capelas imperfeitas que são as demais obras, não se vê qualquer outra razão de fundo.

O que sem dúvida podemos afirmar é que em *Maria Rosa Mística* escreveu o padre Vieira um verdadeiro tratado mariológico, e sobretudo um verdadeiro Poema à Virgem Santíssima. Digamos mesmo que *Maria Rosa Mística* está para o padre António Vieira como o Poema *De Beata Virgine Dei Matre Maria* está para o padre José de Anchieta – esse grande canarino, seu confrade, que durante 44 anos ininterruptos por igual vivera no Brasil, aí morrendo em 9.VI.1597, precisamente um século antes do nosso Orador.

Notemos: um e outro escrevem em cumprimento de um Voto, feito em circunstâncias idênticas, de iminente perigo de Vida: o padre José de Anchieta, em 1563, prisioneiro dos índios Tamóios, uma tribo antropófaga; o padre António Vieira, em ocasiões repetidas, entre as quais em um naufrágio, de que escapou com todos os companheiros, prodigiosamente, como diz, devido à poderosa intercessão da Senhora, tendo todos ali feito a promessa solene de todos os dias doravante lhe rezarem o Rosário.

É certo que Anchieta, como prometera, narra em verso – em verso elegíaco latino, à boa maneira de Ovídio – a sua Vida da Bem-aventurada Virgem Mãe; mas nem por isso o Poema de Vieira, em prosa, sobre *Maria Rosa Mística* revela menor fôlego ou menor alento poético. Embora, claro está, dentro de uma moldura e de um estilo que são de outra época, e promanam de uma personalidade muito outra.

Mas há um particular que é por igual comum a ambos e que de modo especial gostaria de aqui pôr em relevo, ao menos em traços esquemáticos: o facto de tanto Anchieta como Vieira se moverem alicerçados no mesmo fundamento da espiritualidade inaciana, de inspiração essencialmente trinitária e mariológica. Porque a sua formação espiritual de base a isso os impele, um e outro não hesitam, no momento de maior perigo de suas vidas, em acolher-se com voto especial à “poderosíssima Intercessão” da Senhora. Um voto especial, sublinhe-se, em que empenhavam os seus talentos literários ao serviço da mesma Senhora, cantando as Suas Glórias uma vez libertos do perigo. Ambos cumprindo o seu Voto ao ritmo de uma devoção filial e da imensa gratidão de quem se sabe miraculosamente preservado.

E é neste lugar que precisamos de fazer alguma detença, recolhendo uns quantos elementos que nos ajudem a perceber, ou a aproximar-nos da integral ressonância da escrita marial do padre Vieira.

Não devemos, claro está, dar crédito fácil e/ou acrítrico a todo esse estendal de prodígios e maravilhas que relata o padre André de Barros a respeito do seu herói. Bem sabemos nós como o clima cultural e espiritual vivido pelo homem barroco era propício ao germinar deste teor de relatos. Não seria no entanto de bom critério o eliminar sem mais todos esses relatos, como lendas congeminadas pelo biógrafo e sem qualquer fundamento. Mormente quando a leitura atenta da obra realizada e da vida vivida pelo biografado quase espontaneamente nos influem a veracidade de não poucos dos episódios narrados.

Vou referir, pouco mais do que a título exemplificativo, o episódio narrado por André de Barros<sup>9</sup>, e que Lúcio de Azevedo

---

<sup>9</sup> Cf. André de BARROS, *Vida do Apostólico Padre António Vieira*, Lisboa, 1746, pp. 7 ss. O biógrafo alude a uma “espessa nuvem que lhe (*a Vieira*) ofuscava o entendimento” e “o tinha até então menos hábil para aprender». Mas, “na inocência daqueles anos todos os dias, ao passar da casa de seus pais para o pátio dos estudos da Companhia, entrava a venerar a imagem de Nossa senhora da Fé, ou a das Maravilhas, que na Catedral da Bahia era objecto de seu particular culto, e mais obsequiosa ternura”. “Aqui orando um dia, inflamado todo em desejos de saber, pediu à Soberana Mãe novo subsídio de resplandores, quando de repente lhe deu a cabeça um estalo”. E a partir daí uma nova luz lhe dissipou “as trevas que até então o oprimiam”. “Desde este ponto ficou com aquela clareza de entendimento, agudeza de

retoma por extenso <sup>10</sup>. Mesmo sem tomarmos à letra o dito de A. de Barros, segundo o qual “uma espessa nuvem lhe toldava o entendimento”, não custa admitir que o pequenito, ao tempo aluno dos jesuítas no colégio da Bahia, sentindo-se por então “menos hábil para aprender”; e passando diariamente, a caminho da escola, pela sé catedral, bem iniciado que era na piedade cristã, aí entrasse “a venerar a Imagem de Nossa Senhora da Fé, ou a das Maravilhas”, a pedir à Senhora “novo subsídio de resplandores”; e que em determinada altura o pequeno António tenha sentido que a sua prece foi escutada – aceitar isso como verosímil, repita-se, nada tem de humilhante para a humana razão.

Em todo o caso, aquilo que a humana razão e o conhecimento da obra vieirense nos mandam sem pestanejo afirmar é que A. de Barros está totalmente certo ao inculcar-nos “aquela clareza de entendimento, agudeza de engenho e capacidade de memória, que na facilidade de perceber e na tenacidade de conservar o que lia em todas as idades admirará o mundo.” Nem precisaríamos de ir muito além de uma desprecauida leitura da colectânea dos trinta Sermões do Rosário para de todo nos compenetrarmos da verdade dessa análise e avaliação.

### O lugar da “maravilha” e da “admiração”

No contexto em que nos movemos, ao referir-nos à devoção do pequeno colegial à Senhora das Maravilhas, creio inteiramente oportuno aludir, ainda que muito de passo, à presença e significado da “maravilha” na arte oratória de Vieira.

Com a ímpar finura de análise que geralmente lhe é reconhecida (v.g., pela tão sabida como insuspeita M. V. Mendes), o padre

---

engenho e capacidade de memória, que na facilidade de perceber e tenacidade de conservar o que lia em todas as idades admirará o Mundo”. E bastante mais adiante, mas muito ao nosso intuito no escrito a que lançamos mão, o biógrafo na p. 68 anota que “O Padre António Vieira, (que) desde menino teve a seu favor a Mãe de Deus”.

<sup>10</sup> J. Lúcio de AZEVEDO, *História de António Vieira*, 2 Tomos, 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, 1931. Cf. T. I, pp. 14-15. Entre outras coisas, aí se nos diz: “Não foi Vieira, como podem supor muitos, um precoce génio: nos primeiros tempos de estudante, compreendia mal, decorava a custo, fazia com dificuldade as composições; em tudo aluno medíocre, com o que, já então pundonoroso, muitas vezes se afligia. É de imaginar que orando à Virgem das Maravilhas lhe supplicasse a de o tornar mais hábil para os estudos” (p. 15).

João Mendes faz notar que nos Sermões de Vieira a palavra “maravilha” é, não apenas uma palavra recorrente mas obsessiva. A palavra “maravilha”, bem como as que se lhe aparentam: “prodígio”, “portento”, “assombro”, e semelhantes.

E depois, não menos é de celebrar a atitude e o sentimento correspondentes, de “admiração”, com Sermões inteiros construídos formalmente sobre a “admiração” do mistério celebrado. Como é o caso do “Sermão da Ascensão de Cristo Senhor Nosso”. Logo no exórdio ouvimos a declaração da matéria, como é de regra:

“Admirada e admirável vejo hoje Igreja Católica. Admirada do que ela admira em Cristo: e admirável no que nós devemos admirar nela. Admira-se a Igreja, neste dia, de ver tomar para o céu aquele mesmo Senhor que por amor dos que cá ficamos, veio à terra. E devemos nós admirar na mesma Igreja, que ela no dia deste apartamento celebre com galas e festas uma despedida tão custosa e uma tão saudosa ausência”<sup>11</sup>.

Mas o vocabulário a expressar a “maravilha”, “admiração”, “prodígio”, “portento”, “assombro”, “mudança” espectacular – esse vocabulário é de tal modo recorrente que há-de por força configurar toda uma psicologia e espiritualidade longamente sedimentada e bem assumida.

Esses vocábulos por vezes agregam-se num mesmo fraseado, com a veemência expressional da reduplicação: “Pode haver maior maravilha, maior assombro, maior prodígio de forças?”<sup>12</sup>. E no Sermão de S. Roque (na capela real, em 1659): “A maior maravilha em género de saúde milagrosa, que assombrou este mundo, foi a que dava S. Pedro aos enfermos, só com a passagem da sua sombra. E o mais maravilhoso desta maravilha, em que consistia? Consistia em que estando grande multidão de enfermos estendidos pelas ruas, bastava que passasse S. Pedro, bastava que a sombra do Apóstolo tocasse a um para que sarassem todos: *Ut saltem umbra illius obumbraret quemquam illorum, et sanarentur*”<sup>13</sup>.

<sup>11</sup> *Sermões*, Ed. Lello, em XV vols. Porto, 1951. Vol. V, p. 335. Citarei sempre esta Ed., por ser mais acessível, confrontando com a *princeps*, quando for caso disso. Actualizo naturalmente a ortografia.

<sup>12</sup> *Id.*, III, 99.

<sup>13</sup> *Id.*, VIII, 150. A citação rigorosa de Act. 5, 15: (...) *ita ut in plateas eicerent infirmos, et ponerent in lectulis ac grabatis, ut, veniente Petro, saltem umbra illius obumbraret quemquam illorum, et libererentur ab infirmitatibus suis.*

E como amostra exemplificativa, para um tema que pretendíamos abordar apenas de passagem, julgo bastante.

Creio oportuno, isso sim, e a modos de conclusão, formular uma pergunta: aquela Imagem venerada na catedral da Bahia, sob a invocação de “Nossa Senhora das Maravilhas”, e diante da qual o pequeno colegial, a caminho das aulas, se ia ajoelhar a pedir “novo subsídio de resplandores”, não terá ela, sob título assim, desempenhado seu papel na formação arquetípica e na configuração mental e imagética do grande orador? Estudos, nesta área, das estruturas do imaginário, tão rigorosos e conseguidos como os de Gaston Bachelard e do seu discípulo Gilbert Durand, e melhor ainda se complementados pelos do Jean-Paul Weber de *Genèse de l’Oeuvre Poétique* e *Domaines thématiques*, inclinar-nos-iam sem grande hesitação para a resposta afirmativa.

E ainda que a alguns pareçam digressivos estes considerandos, em relação ao assunto maior desta comunicação, creio no entanto que trazem boa pertinência. Importa ver, com a possível clareza, que esse Voto que levou à redacção do “Poema” sobre Maria Rosa Mística, esse Voto é de base e de inspiração muito sólida e antiga.

A devoção do padre Vieira a Nossa Senhora vem-lhe da mais tenra infância, apurou-se com certeza nos anos do aluno dos jesuítas no colégio da Bahia e foi ganhando a necessária robustez doutrinária e prática a partir da entrada no Noviciado da Companhia de Jesus, ao tom e ao ritmo da assimilação da espiritualidade inaciana, tão forte e exigente neste campo. Aquela Imagem da Virgem, sob a invocação de “Nossa Senhora das Maravilhas”, deve é ter ajudado poderosamente à descodificação, como diríamos hoje, dessa inata feição de espírito de um homem que, na feliz expressão de João Mendes, vivia em estado de permanente “admiração perante a maravilha” e sempre “fascinado pela imagem apocalíptica”.

### **Veira, a Senhora do Rosário e o Mistério da Trindade**

Mas aproximemo-nos, um pouco mais em explícito, do assunto de começo enunciado, porque a alguns parecerá que vimos divagando por muito longe.

Propúnhamo-nos abordar o modo como o padre Vieira tratou o tema da relação de Maria com a Trindade, nos *Sermoens* e em

particular na série de *Maria Rosa Mística*. Já se vê que o assunto, a ser condignamente analisado, havia de exigir uma extensão e uma detença incomportáveis aqui e agora. Mas é possível delimitar o nosso campo de atenção, sem inconveniente de maior. Afinal, e de perto vistas as coisas, neste teor de escrito, dificilmente poderíamos ir muito além do simples assomar-nos ao tema, abrindo algumas vias, quanto possível sugeridoras, sobre o seu conteúdo.

Assim sendo, parece-me que o melhor procedimento será fazermos de caminho uma rápida alusão aos lugares em que Vieira, nos *Sermoens*, se refere ao tema da Santíssima Trindade, com ou sem referência à Virgem Maria. Depois então fixar-nos-emos um pouco mais por extenso no Sermão XXIV do ciclo dos mistérios do Rosário, por ser o Sermão em que o assunto que nos ocupa oferece maior desenvolvimento.

No “Sermão do Nascimento da Virgem Maria, debaixo da invocação de Nossa Senhora da Luz”, pregado em S. Luís do Maranhão em 1657, Maria é a Luz, porque nasce para ser a Mãe de Deus. Mas a Luz foi criada três dias antes do Sol, “e só nasce manifesta aos olhos divinos”:

“Os olhos de Deus foram os que festejaram o nascimento desta Soberana Luz, e festejaram-na aqueles três dias em que não houve sol, nem outros olhos, porque tomou cada pessoa da Santíssima Trindade um dia de festa por sua conta. (...) Os olhos do Pai festejaram o nascimento da Luz o primeira dia: *Et vidit Deus lucem, quod esset bona*; e viu Deus Pai que a Luz era boa para Filha. Os olhos do Filho festejaram o nascimento da Luz o segundo dia: *Et vidit Deus lucem, quod esset bona*; e viu Deus Filho que a Luz era boa para Mãe. Os olhos do Espírito Santo festejaram o nascimento da Luz o terceiro dia: *Et vidit Deus lucem, quod esset bona*; e viu Deus Espírito Santo que a Luz era boa para Esposa. Assim festejou toda a Santíssima Trindade o nascimento daquela Soberana Luz, e assim o devemos festejar nós”.

Esta Luz é Maria:

“Tão cheia de privilégios de Deus nasce hoje esta Luz de quem ele há-de nascer: *De qua natus est Jesus*”<sup>14</sup>.

No “Sermão de Todos os Santos”, pregado no convento de Odivelas em 1643 a Santíssima Trindade é também invocada, mas sem alusão à Virgem Maria:

---

<sup>14</sup> *Sermões*, ed. cit., IX, 293.

“Todas as obras de Deus, que chamam *ad extra*, isto é, que saem de Deus e se terminam às criaturas, são indivisamente de toda a Santíssima Trindade, na qual o poder e o obrar não só é igual, senão um só e o mesmo”<sup>15</sup>.

No “Sermão de Santa Bárbara”, sem data nem lugar assinalados, diz-nos o orador, depois de aludir à lenda das três janelas em vez das duas que o pai mandara abrir na torre em que encerrara a filha, que “a fé e protestação constante” na devoção à Santíssima Trindade foi a causa do martírio da santa:

“E como a causa do martírio de Santa Bárbara foi a fé e a protestação da Santíssima Trindade esculpida ou declarada nas três janelas da sua torre; para que o prémio fosse proporcionado não só ao martírio senão também à causa, em memória da Trindade deulhe (*Deus*) o domínio dos raios, que representam a mesma Trindade nas suas três pontas; e em memória da torre fê-la Tutelar das torres e dos castelos, para que as guarde e defenda dos mesmos raios”<sup>16</sup>.

Mas, como seria de esperar, o tratamento mais minudente da relação de Maria com a Trindade aparece no ciclo de Sermões de *Maria Rosa Mística*, ao expor as “excelências, poderes e maravilhas” do Rosário. Dir-se-ia que aí a sua imaginação barroca encontra espaço mais livre e, na expressão M. V. Mendes, noutro contexto, “a asserção sobre os textos sagrados se torna criadora de novas interpretações, geralmente prodigiosas e sedutoras”, em que “o dizer não visa ajustar o pensamento ao real, mas criar um outro real”<sup>17</sup>. Neste subconjunto do todo constituído pelos quinze volumes dos *Sermoens*, entre muitas outras facetas muito vieirianas, podemos ler de facto, em boa medida, essa imensa, fulgurante capacidade inventiva e de relacionação a partir dos textos bíblicos e patrísticos, e que é a do grande orador.

Em boa verdade o tema do Rosário, em sua estrutura repetitiva e triádica, prestava-se, não há dúvida, ao desfraldar solto da imaginação visionária do homem político e teórico, que, a acolhermos a classificação sprangeriana dos tipos humanos, o padre António Vieira foi<sup>18</sup>.

<sup>15</sup> Id., IX, 42-43.

<sup>16</sup> Id., IX, 196.

<sup>17</sup> M. Vieira MENDES, *o. c.*, p. 416.

<sup>18</sup> Veja-se a análise, a todos os títulos excelente, sobre este assunto, feita por João MENDES, em *Literatura Portuguesa II*, 2.<sup>a</sup> ed., pp. 47 ss. Lisboa, 1982.

No contexto que é o nosso, não é completamente ocioso observar que, no conjunto dos trinta Sermões de *Maria Rosa Mística*, apenas três nos chegam com a indicação do lugar e data em que foram pregados. A saber:

Sermão XII – “Na sé da Bahia depois da Armada real derrotada. Ano de 1639”.

Sermão XIV – “ Na Bahia, a Irmandade dos Pretos de um Engenho em dia de S. João Evangelista, Ano de 1633”.

Sermão XV (curiosamente é o único a que falta a numeração, trazendo só o indicativo de “Sermão de Nossa Senhora do Rosário”) – “No Sábado da infra Octavam Corporis Christi, e na hora em que todas as tardes se reza o Rosário na Igreja do Colégio da Companhia de Jesus do Maranhão, e nos sábados se conta um exemplo da mesma devoção, ano de 1654”.

Dos demais Sermões, uns quantos, poucos, apontam a circunstância: “com o Santíssimo Sacramento exposto”. Mas a grande maioria, nem isso.

O que pode perfeitamente significar, e confirmar, aquilo que vimos sugerindo desde o princípio: os trinta Sermões de *Maria Rosa Mística* são apenas outros tantos capítulos ou cantos do “Poema” em que o padre Vieira concretizou a realização do Voto à Santíssima Virgem, diversas vezes repetido. A grande maioria nunca terão sido pregados, e devem ter sido redigidos sem qualquer intenção de tal.

Bem sabemos que no conjunto dos Sermões muito dificilmente se achará algum que se encontre tal qual foi pregado. É esse um assunto hoje por hoje bastantemente esclarecido, por autoridades tão veneráveis na matéria como Raymond Cantel, M. V. Mendes, Adma Muhana, Aníbal Pinto de Castro, João Mendes, Fritz Smulders, e outros. Já tudo, ou quase tudo, se disse acerca da elaboração literária posterior à dicção, a partir de esquemas conservados ou os famosos “borrões” de que fala o próprio Vieira no referido Prefácio “Ao Leitor”, que precede o I volume. Sim, no que respeita a esse assunto os nossos conhecimentos são hoje abundantes e sólidos<sup>19</sup>.

---

<sup>19</sup> Vejam-se entre outros, os trabalhos seguintes: R. CANTEL, *Les sermons de Vieira. Étude du style*, Paris, 1959; *Prophétisme et messianisme dans l'oeuvre de António Vieira*, Paris, 1960; *Les idées linguistiques de Vieira*, Lisboa, 1961. M. VIEIRA MENDES, *A oratória barroca de Vieira*, Lisboa, 1989; Adma MUHANA, “Quando não se escreve o que se fala”, em *Vieira Escritor*, pp. 107 ss., Org. de M. Vieira Mendes, Maria Lucília Gonçalves Pires e José da Costa Miranda, Lisboa, 1997; Aníbal Pinto

Só que no caso do “subconjunto dentro do conjunto” que é *Maria Rosa Mística*, a sua nascença é de outra estirpe, e tudo nos leva a pensar que, com as três exceções acima notadas, e porventura alguma que outra mais, os Sermões, na sua grande maioria, sublinho, não só nunca foram pregados como nem terão sido redigidos a partir de quaisquer borrões conservados na arca dos papéis antigos.

E termino este apontamento sobre a questão, permitindo-me tão só lembrar aos porventura inclinados a olhá-la como questão de *lana caprina*, que não deveria ser assim. A leitura integral e integrada, globalizante, da Vida e Obra (como um todo) do grande jesuíta, conheceria talvez outros níveis de fundura espiritual e humana se feita a partir de uma atenção especial à obra *Maria Rosa Mística*, complementada necessariamente com os demais Sermões sobre a Virgem.

### O caso particular do Sermão XXIV

Mas o espaço e o tempo urgem, e precisamos de fixar um pouquinho mais o foco de observação, delimitando melhor o nosso tema de análise.

A uma simples leitura dos trinta Sermões ou capítulos de *Maria Rosa Mística* de imediato nos toma a certeza de que o número XXIV é o que mais intencionadamente se ocupa da relação entre os mistérios do Rosário e o mistério da Santíssima Trindade<sup>20</sup>.

Pertence ao grupo dos Sermões que não designam lugar ou tempo em que hajam sido pregados, e subordina-se ao tema extraído de Mt. 1: *Ioram autem genuit Oziam*.

Logo de começo anuncia que depois de “muitas vezes e de muitos modos” ter declarado, nas “excelências do Rosário”, “os mistérios das orações e os mistérios das meditações”, aqui se propõe declarar “os mistérios dos números. Até agora vimos o Rosário sem contas, agora veremos propriamente as contas do Rosário”.

---

de CASTRO, “Os Sermões de Vieira: da palavra dita à palavra escrita”, *Ibid.*, pp. 79 ss.; Fritz SMULDERS, “Tradições manuscritas na obra de António Vieira”, *Ibid.*, pp. 53 ss.; João MENDES, *Literatura Portuguesa II*, ed. cit., pp. 41 ss.

<sup>20</sup> Na Edição *princeps*, X, 281 ss.; na ed. de 1951, que citamos, XII, 221 ss.

Depois, e à boa maneira barroca, trata-se de encarecer ao máximo a dificuldade, antes de pôr em andamento, com vistas à resolução do intrincado problema, todo o fulgor da arte e do engenho. Como certeira e nos explica M. Vieira Mendes, com seu espírito esclarecido de leitora atenta e privilegiada: “Vai-se desenvolvendo por meio de variações aritméticas sobre os números relativos ao Rosário – o cinco, o três e seus múltiplos, combinadamente –, num passeio pelos vários lugares da Bíblia, da teologia e de outros saberes compendiados na época onde ocorrem tais números: a propósito deles, Vieira parece esgotar toda a ilustração teológica e escriturária de então. Torna-se o sermão um aglomerado bem arrumado de noções e de textos que se vão perfilando, relativos aos números tematizados”<sup>21</sup>.

Na verdade, poderá este não ser um bom texto para exemplificarmos o que foi a grande devoção e a piedade marianas do padre A. Vieira. Não o é, certamente. Mas é, com toda a certeza, exemplo acabado da sua engenhosidade mental e daquilo que alguém chamou a “arborescência discursiva” do seu estilo oratório.

Atendo-nos mais em explícito à aproximação que se estabelece entre os mistérios do Rosário e o mistério da Santíssima Trindade, note-se que tal aproximação se faz, não tanto pela via engenhosa da contabilística, pessoal e desapoiada, mas sobretudo mediante a invocação de um impressionante estendal de textos, tomados não só da literatura religiosa mas da profana. Algo de portentoso, como apelo à memória e à cultura. Mormente quando recordamos o que foi a vida agitadíssima do “homo politicus” que Vieira foi, por vocação ou quando menos por exercício continuado, sem tempo disponível para grandes leituras sistemáticas e diuturnas.

Mas o melhor é pegarmos no texto, para nele sublinharmos duas ou três passagens mais directamente ao encontro dos nossos intuítos.

A Trindade entra por diversas vias, com menção explícita, nesta declaração do “mistério dos números” ou das “contas” do Rosário.

No apartado III do texto fica assente que “Os números das contas do Rosário são, um, três, cinco, dez, quinze, cinquenta e cento e cinquenta, em que se resume todo. Reduzindo pois todos

---

<sup>21</sup> M. Vieira MENDES, *o. c.*, pp. 477-478.

estes números a três pontos ou questões: na primeira veremos por que é que o Rosário um e se divide em três partes, ou em três terços; na segunda, por que são os mistérios quinze e os Pai-Nossos quinze, e se repartem de cinco em cinco. Na terceira, por que são cento e cinquenta as Ave-Marias e se dividem em três vezes cinquenta, e cada cinquenta de dez em dez. Esta é toda a fábrica e artifício do Rosário, que todos meditam, todos rezam e todos trazem nas mãos, e nem todos a entendem”<sup>22</sup>.

Aí temos o estado da questão, complicada, estamos a ver, e que é preciso explicar de modo a que todos entendam. E para que a ninguém falte o entendimento para tal, a todos convida a pedirem “nova graça da mesma Senhora, que assim repartiu estas contas”<sup>23</sup>. “Nova graça”, porque, não esqueçamos, já antes, como era de obrigação, ao final do exórdio, pedira “à Soberana Inventora do mesmo Rosário para que assistidos da sua graça acertemos de dar boa conta dos números e mistérios destas contas”.

E sem mais demoras entra na declaração dos três pontos, com os vagares necessários, como convém – aqueles “vagares dinâmicos”, para nos servirmos do qualificativo de João Mendes – ao longo de umas três dúzias de páginas, cuidadosamente organizadas em nove (= 3×3) apartados ou subcapítulos. Há aí toda uma panóplia de operações e arranjos numéricos, neste explanar daquilo que qualifica de “os mistérios dos números”. E é curioso: o que esperaríamos cansativo e fastidioso, na realidade não o é. Neste discurso explanativo, assim tão à base de números, longe anda essa “raiva da contabilidade” a que se refere Roland Barthes.

Ora confirmemos um pouco no texto. Até para arejarmos um nadinha daquilo que, isso sim, poderia haver de fastidioso nestes considerandos.

Respondendo ao primeiro ponto, o de saber como é que o Rosário, sendo um, se divide em três partes, “ou como vulgarmente dizemos em três terços”:

“Respondo, que consistindo a bem-aventurança do céu na visão, ou vista clara de Deus, o qual é Um em Essência e Trino em

---

<sup>22</sup> *Sermões*, XII, 229-230.

<sup>23</sup> *Id.*, *ibid.*, 230.

Pessoas, para que o meio fosse proporcionado ao fim, pedia a conveniência e razão que o Rosário, o qual nos encaminha e leva à mesma vista de Deus, fosse também Um e Trino”<sup>24</sup>.

A seguir, por espaço de três páginas, deambula pelas Escrituras e pela autoridade exegética dos Padres da Igreja, para se confirmar, e nos explicar, na verdade do asserto. E tudo se aclara:

“Com grande razão logo e com grande proporção o Rosário, sendo um, se divide em três partes, ou em três terços, para que na Unidade e Trindade destes mesmos números nos signifique e declare o mistério com que ele, meditando a Cristo, ou Cristo meditado nele, não doutro modo mas como um e Trino nos abra as portas do céu”<sup>25</sup>.

Pois, como antes declarou, “a abertura das portas do céu estava reservada para a fé da Santíssima Trindade”<sup>26</sup>.

Vem depois um exemplo perfeito do engenhoso raciocínio barroco, em que, apoiado em texto pedido de empréstimo a S. Bernardo, se quer demonstrar que Cristo não somente nos revelou o mistério da Santíssima Trindade mas encarnou em si mesmo uma segunda Trindade, isto é “a Divindade, a alma e o corpo” na pessoa do Verbo. Para logo concluir, como pretendia, que

“sendo tão admirável esta Segunda Trindade, que Deus fez na Encarnação do Verbo, ainda é mais admirável a terceira Trindade, que a Mãe do mesmo Deus fez no seu Rosário. E porquê? Porque repartindo o mesmo Rosário em três partes e ao mesmo Cristo de quem ele se compõe, em três estados: um da vida e mistérios Gozosos, outro da morte e mistérios Dolorosos e o terceiro da Ressurreição e mistérios Gloriosos; muito melhor representa o mesmo Cristo a Trindade de Deus nesta nova composição do Rosário, que nas três substâncias divinas de que é composto”<sup>27</sup>.

E lá prossegue, em atitude que apesar das aparências nada tem de lúdico. Uma explicação, em ritmo e sabor inteiramente vieirianos.

Mas assomemo-nos ao caminho que toma a explanação do segundo ponto: “por que os mistérios que meditamos e os Padre

---

<sup>24</sup> Id., *ibid.*, 230.

<sup>25</sup> Id., *ibid.*, 233.

<sup>26</sup> Id., *ibid.*, 231.

<sup>27</sup> Id., *ibid.*, 234.

Nossos que rezamos no Rosário são determinadamente quinze, e esses quinze também divididos de cinco em cinco”.

“Respondo, que o mistério e significação deste número quinze, assim inteiro como dividido, é o mesmo que prometemos e imos seguindo; porque também neste número nos promete Deus, e a Soberana Autora do Rosário, a bem-aventurança do céu”<sup>28</sup>.

Segue-se a costumada invocação, e a conveniente adaptação dos textos bíblicos e respectiva interpretação patrística.

É impressionante, assombrosa, a presteza com que esta memória privilegiadíssima torna presentes os mais inesperados lugares da Bíblia, e bem assim os textos declarativos, em latim, dos Santos Padres. Vale a pena lermos por extenso todo o parágrafo de síntese e conclusão sobre este segundo ponto:

“Repartiu pois a Senhora os cinco mistérios do seu Rosário de cinco em cinco: para que nos Gozosos, se os sentidos se deixassem levar do apetite do gosto, ou nos Dolorosos, se se retirassem pelo temor da pena, ou nos Gloriosos, se os movesse o desejo da glória vã; em todos tivesse a alma cinco castelos fortes com que pudesse resistir às sugestões dos mesmos sentidos: ou cinco remédios presentíssimos, com que curar as fraquezas em que tivessem caído. Se a alma se vê tentada do demônio, aqueles cinco mistérios são as cinco pedras de David, com que derrubou o Gigante. Se se vê enferma, eles são os cinco pórticos da Piscina, em que se curou o paralítico, não podendo dizer: *Hominem non habeo*, porque em todos tem a Deus feito homem. Se se vê cativa, eles são os cinco ciclos com que os primogénitos se resgatavam no Templo. Se se vê culpada e delinquente, eles são as cinco cidades de refúgio, aonde se acolhiam os criminosos e logravam imunidade. Se se vê emendada, mas receosa da recaída, eles são as cinco colunas do Tabernáculo de matéria incorruptível e bases de bronze. Se finalmente pelos erros da vida passada se vê desconfiada do perdão com que alcançar a eterna, eles são as cinco palavras com que Cristo disse ao Ladrão: *Hodie mecum eris in Paradiso*”<sup>29</sup>.

O terceiro e último ponto – por que sendo cento e cinquenta as Ave Marias do Rosário, se dividem em três vezes cinquenta e cada grupo de cinquenta de dez em dez – este ponto parece que havia de exigir menor espaço para a declaração. “A resposta, escreve, já se

<sup>28</sup> Id., *ibid.*, 236.

<sup>29</sup> Id., *ibid.*, 243-44.

sabe que há-de ser a mesma. E é, que todos estes números e cada um deles, significavam por diverso mistério os modos com que o mesmo Rosário nos dispõe nesta vida para a bem-aventurança e no fim nos leva a ela”<sup>30</sup>.

Na realidade, a declaração deste ponto irá ocupar boa dúzia de páginas, e não é que se trate apenas de espaço para distender o discurso; são antes páginas cheias como as que mais, de densa sugestividade doutrinal e mesmo espiritual, sobretudo se, ao lê-las, as soubermos situar em seu vero contexto epocal.

No procedimento declarativo segue o mesmo método: invocação ágil da Escritura e dos Padres. Particularmente sugestiva me parece a aproximação do Rosário e suas cento e cinquenta Ave Marias com os cento e cinquenta salmos do Saltério. Segundo assegura, “o Rosário desde seu princípio, pela semelhança do número, se chamou Saltério da Virgem”, ou “Saltério da Mãe de Deus”<sup>31</sup>.

Escasseia-nos o tempo e o espaço que nos consintam demorar-nos aqui a saborear o convívio tão apetecido desta frondosa e jubilosa família de autoridades, convocadas pela arte e engenho, e não menos pela presentíssima (para nos servirmos do seu adjectivo de há momentos), pela presentíssima memória do padre Vieira – uma memória espantosamente bem povoada de textos, sempre tão prestes a acudir à chamada. Não nos escusemos no entanto, cada um por sua conta, de atentar na maneira como a incrível agilidade mental afeiçoa ao que pretende demonstrar os textos de um S. Jerónimo, de um S. Gregório Magno, de um Santo Agostinho, de um Cassiodoro, e tantos outros.

Sublinhemos: quando nos damos a explicar como é que no discurso oratório de Vieira nos surpreende a mais inesperada, a mais deflagrada argumentação e aproximação de textos, a manter em permanente vigília a nossa curiosidade e a nossa admiração; quando pretendemos compreender tal prodígio, não há dúvida que só pela via dessa felicíssima memória, lastrada de uma cultura teológica e patrística de todo invulgar e sempre actuada por uma imaginação portentosamente solta e ágil. E tudo isso muito bem inserido, e ambientado, no que era o pendor histórico e cultural da época.

---

<sup>30</sup> Id., *ibid.*, 244.

<sup>31</sup> Id., *ibid.*, 245.

Só para confirmar um nadinha o que acabo de dizer, e no seguimento dos intuitos do presente trabalho, quero apontar mais dois ou três exemplos que julgo paradigmáticos. Por abreviar, tanto mais que vai sendo tempo de concluir, evitarei divagações ou comentários.

No Sermão que temos tido em mãos, o XXIV do Rosário, explica-se-nos desta forma o mistério dos cento e cinquenta e três grandes peixes da pesca milagrosa, que, diz o Evangelho, apesar de tantos e tão grandes não se rompeu a rede:

“Este é no Rosário o mistério do número cento e cinquenta, ao qual se juntou o de três, nos peixes que recolheu a rede: *Centum quinquaginta tribus*: mas não para variar o mesmo número, senão para o repartir em três vezes cinquenta, como ensina Santo Agostinho e se faz no Rosário: *Numerus centum quinquaginta tria ter habet quinquagenarium: et insuper ipsa tria propter Mysterium Trinitatis: quinquagenarius autem est Jubilaeus*. Os três que se acrescentam ao número cento e cinquenta significam, diz santo Agostinho, o mistério da Santíssima Trindade (que por isso mostramos ao princípio que o Rosário é um e Trino): e juntamente denotam a divisão dos mesmos cento e cinquenta em três vezes cinquenta, porque o número de cinquenta é o número jubileu”<sup>32</sup>.

Um pouco mais adiante assegura-nos que

“As cinquenta Ave Marias do Rosário, dividido em três terços, nos negoceiam o descanso eterno do céu, onde se não ara nem cava a terra, mas se come em sua própria substância o Maná, sem nenhum trabalho. Elas nos restituem a herdade e a herança do paraíso, perdida primeiro pela culpa de Adão e depois tantas vezes vendida pelas nossas. E porque para esta inteira restituição é necessário que se ajunte ou preceda o perdão das dívidas e a liberdade do cativo, estas são as duas petições que no Rosário fazemos a Deus nas últimas do Padre Nosso. O perdão das dívidas dos pecados: *Dimitte nobis debita nostra*: e a liberdade do cativo do demônio: *Sed libera nos a malo*. Vede se nos despachará Deus estas duas petições do Padre Nosso, quando nas cinquenta Ave Marias de cada terço rogamos à Mãe do mesmo Deus que rogue por nós pecadores. E para que se conheça a grande proporção e correspondência que têm estas cinquenta Ave Marias com o Padre Nosso, notai as palavras do mesmo Padre Nosso e achareis que desde o *Pater* até o *Amen*

---

<sup>32</sup> Id., *ibid.*, 248.

são pontualmente cinquenta. Tão medidas e tão contadas estão no Rosário as consonâncias do número e tão sagrado e misterioso é o de cinquenta”<sup>33</sup>.

Sei que há-de parecer longa como um abuso a transcrição assim por extenso. Mas como seria possível resumir-lhe o conteúdo e beleza, do pensamento e do dizer?

No entanto, isso é verdade, temos de resistir à tentação, quase irreprímível, de nos quedarmos indefinidamente no saboreio desta literatura e arte fascinantes<sup>34</sup>, mesmo que ao serviço do espiritual, e das Glórias de Maria. É tão fácil e sedutor deixar-nos seduzir por esta espécie de encantamento suscitado por este quase espontâneo derivar de melodias e de ritmos... Mas temos de cair no real e precatar-nos com o fluir do tempo.

Vamos por conseguinte pôr ponto final nestes considerandos. Mas havemos de para tal socorrer-nos ainda de umas palavras do padre Vieira, agora trazidas do Sermão XXIX - um dos treze subordinados ao versículo evangélico *Beatus venter qui te portavit*, e que até por isso mesmo parecem de convocação obrigatória.

Entra o desenvolvimento do Sermão logo a observar o seguinte: “Havendo ponderado por tantos modos, e tão vários, as poucas cláusulas deste brevíssimo Evangelho, ainda não fizemos particular advertência sobre a palavra *portavit*”<sup>35</sup>. E lá segue a explicitação, bem dentro do estilo consueto e de invocação frondosa dos apoios testemunhais. Até que, no último apartado e como quem sintetiza, nos declara:

“Lá dissemos no princípio que com o Filho de Deus em suas entranhas fez a Senhora três jornadas maiores: a primeira, de Nazaré às montanhas; a segunda, das montanhas a Nazaré; e a terceira, de Nazaré a Belém. Estes foram os três lugares santifi-

---

<sup>33</sup> Id., *ibid.*, 248-49.

<sup>34</sup> M. Vieira Mendes, referindo-se à admirável, espantosa descrição vieiriana do Templo de Salomão, no “Sermão de Santa Catarina”, pregado na Universidade de Coimbra em 1663 – cf. IX, 145 ss. – escreve o seguinte: “a ordem musical e arquitetural da construção e do ritmo verbal do texto imita o que seria a jubilosa e sossegada perfeição da casa de Salomão, ou da Sabedoria. Neste sentido, o palácio é não só o de Salomão mas também o da língua de Vieira”, *o. c.*, p. 537. E, como a querer confirmar o afirmado, remete para o famoso dito de Fernando PESSOA/Bernardo SOARES, no *Livro do desassossego*, Lisboa, 1982, I, p. 16.

<sup>35</sup> *Sermões*, XII, 373.

cados com os três primeiros mistérios do Rosário, não em figura ou representação, mas realmente. Em Nazaré se obrou o mistério da Encarnação; nas montanhas o da Visitação; em Belém o do Nascimento. E posto que estes três mistérios não foram, nem podiam então ser, mais do que três, nestes três se representaram as diferenças de todos. Em Nazaré, os Gozosos: *Exultavit spiritus meus in Deo salutari meo*; nas montanhas, os ásperos e Dolorosos: *Abiit in montana cum festinatione*; em Belém, os celestiais e Gloriosos: *Gloria in altissimis Deo: et in terra pax hominibus*<sup>36</sup>.

Aí temos, mais uma vez, neste fragmento, bem exemplificada essa característica sempre tão presente no discurso vieirense, e que o fino analista João Mendes certamente cingiu quando escreveu: Vieira, conhecedor “dos segredos da vida e do futuro”, “será o homem que, em meio da sua existência agitadíssima, fará do exercício de identificar e de distinguir, de relacionar e de generalizar, de provar e sistematizar a ocupação exaltante da vida”<sup>37</sup>.

## Concluindo

Talvez estejamos ainda lembrados de que um dos empenhos maiores do escriba destes considerandos acerca do tema proposto – “Maria e a Trindade nos *Sermoens* de Vieira” – era o de ao menos chamar a atenção para a profunda e antiga devoção mariana do grande jesuíta, por igual grande orador e, no famoso dito de Fernando Pessoa/Bernardo Soares, “Imperador da língua portuguesa”. De facto, para explicar a imensa cultura mariânica do padre Vieira não basta – ao contrário do que insinua a bem apetrechada, e pelo comum igualmente bem circumspecta, Margarida Vieira Mendes – não basta encostá-la a uma tal ou qual característica da peculiar espiritualidade do século XVII. Não basta.

E muito menos bastaria para se perceber, em todo o seu tamanho e ressonância, uma obra com a fundura humana e espiritual de *Maria Rosa Mística*.

A uma leitura mais circunstanciada e englobante, inclusiva dos anteriores textos marianos do Orador, não escapará por certo que no subsolo deste teor de escrita existe algo de inominável e acaso

<sup>36</sup> Id., *ibid.*, 399.

<sup>37</sup> Cf. *Literatura Portuguesa II*, ed. cit., p. 47.

impossível de cingir conceptualmente, mas capaz de lhe imprimir uma sonoridade e uma vibração que não será fácil surpreender nos demais escritos vieirenses; algo que originando-se porventura no existencial da vivência mais recôndita do *homo religiosus* que Vieira também é, em vão procuraríamos em obras como a *História do Futuro* ou a *Clavis Prophetarum*.

É no contexto de semelhante linha de pensar e sentir que me parece judicioso e de bom conselho, no momento de colocar em definitivo o ponto final nesta minha mal cerzida dissertação, querendo terminar de maneira condigna, quer do Autor quer do assunto em análise, acolher-me, sem mais comentários, a um pequeno extracto da penúltima página do Sermão XXVIII:

“Indo finalmente de Nazaré a Belém naquela claríssima noite em que os céus feitos de mel choveram as maiores doçuras sobre a terra, mandando Anjos aos pastores e estrelas aos reis, aos grandes e aos pequenos, aos naturais e aos estranhos, aos de perto e aos de longe, a todos encheu de luz, de consolação, de verdade e de Espíritos de nova vida. Isto obrou maravilhosamente a Senhora do Rosário, quando lhe deu princípio nos primeiros três mistérios, e neles significação a todos, levando sempre a Deus e deixando-se Deus levar para onde a mesma Senhora queria; para que nós também entendamos que por meio do mesmo Rosário teremos a vontade do mesmo Deus, não só propícia senão em certo modo, ou por modo certo, sujeita a quanto quisermos e desejarmos”<sup>38</sup>.

JOSÉ ALVES PIRES

---

<sup>38</sup> *Sermões*, XII, 400.